

**AMAR O MUNDO:  
A INTERSUBJETIVIDADE NA FORMAÇÃO DE UM OLHAR ECOLÓGICO<sup>1</sup>**

Ana Catarina Santilli<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente trabalho pretende investigar a relação entre a iminente crise de sustentabilidade e a cosmovisão que reduz o mundo a um objeto inanimado passível de ser manipulado por sujeitos que o transcendem. A partir daí, o estudo propõe uma reflexão sobre a importância de instigar o pensamento intersubjetivo na formação dos jovens, para que as próximas gerações possam construir uma relação mais amorosa e sustentável com o entorno. Para tanto não só as reflexões de Vilém Flusser sobre intersubjetividade serão fundamentais, como também os pensamentos de Edgar Morin sobre a formação de uma consciência planetária, de Paulo Freire sobre uma educação engajada; e de James Hillman sobre a urgência de resgatarmos a alma do mundo.

**Palavras-chave:** crise de sustentabilidade; intersubjetividade; Vilém Flusser; amor ao outro; educação ambiental.

**Abstract**

This text intends to investigate the relationship between the imminent sustainability crisis and the cosmovision that reduces the world to an inanimate object capable of being manipulated by subjects who transcend it. From this idea, the study proposes a reflection about how important is to instigate an intersubjective thinking in the formation of young people, so that the next generations can build a more loving and sustainable relationship with their environment. For this purpose, not only Vilém Flusser's reflections about intersubjectivity will be fundamental, but also the thoughts of Edgar Morin on the formation of a planetary conscience, Paulo Freire on an engaged education; and James Hillman on the urgency of rescuing the world's soul.

**Keywords:** sustainability crisis; intersubjectivity; Vilém Flusser; love for the other; environmental education.

**Introdução**

No presente século, uma das maiores crises que a humanidade se depara é a de sustentabilidade. E como muitos já notaram, para enfrentar tal crise não bastam algumas soluções superficiais (como fazer reciclagem e fazer compras com uma *ecobag*), é preciso revolucionar radicalmente nosso modo de estar no mundo, o que requer uma transformação da nossa cosmovisão.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao Eixo Temático Diálogo, Discurso e o Outro na Comunicação, do VII ComCult, Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), São Paulo – Brasil, 13 a 17 de setembro de 2021.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação e Semiótica na PUC-SP. Bolsista do CNPq. E-mail: anacatsan@hotmail.com.

Em muitos de seus textos, Vilém Flusser problematiza a cosmovisão baseada na objetividade, que nos coloca como sujeitos transcendentais de um mundo distante, passível de ser observado e manipulado de forma “neutra”. Compreendendo a impossibilidade, a ingenuidade, e por vezes até mesmo a desonestidade e falta de ética nesse modo de apreender e se orientar no mundo, Flusser defende uma perspectiva baseada na intersubjetividade e na fenomenologia (de Husserl), no qual os sujeitos se vêm imersos nos fenômenos a serem conhecidos, em constantes trocas com outros sujeitos com quem e para quem formam seus conhecimentos.

A proposta do presente trabalho é justamente entender como a visão objetiva que guiou por tanto tempo o nosso modo de conceber e agir no mundo, pode estar relacionada à crise de sustentabilidade que vivenciamos hoje. Ao mesmo tempo, a intenção é vislumbrar como a visão intersubjetiva pode contribuir para a formação de um olhar ecológico que favoreça um modo de estar no mundo mais apto a lidar com tal crise iminente. Para tanto os pensamentos de outros autores (da área da educação, da psicologia e da comunicação) poderão ajudar a pensar em maneiras intersubjetivas de se apreender e se orientar no mundo.

### **Objetividade: manipular um mundo morto**

Vilém Flusser percebe como a cosmovisão predominante da nossa época é baseada na objetividade, e isso se manifesta no nosso modo tradicional de fazer pesquisa, um gesto que ele considera o mais revelador da crise atual do nosso modo de estar no mundo (2014, p.43). Este, para Flusser, é um gesto burguês, no qual o pesquisador lida com objetos, um conjunto de coisas “inanimadas”, as quais ele chama de “natureza”. No entanto, “não se trata nem da ‘natureza’ judaico-cristã (obra Divina) nem da *physis* grega (organismo animado). Trata-se de conjunto inanimado” (Flusser, 2014, p.45). Nesse gesto, o pesquisador se coloca na posição de um sujeito que transcende o mundo, como um deus, para ler, com um suposto olhar neutro, esse mundo, que é reduzido ao estado de objeto inanimado, passível de ser manipulado. Contudo, Flusser dirige várias críticas a esse modo distante, supostamente neutro e instrumental de lidarmos com o mundo, eliminando seu aspecto sagrado e suprimindo nossa posição ética em relação ao outro.

### **Distância e abstração**

Uma regra clássica das pesquisas científicas é assumir distância do “objeto” estudado para observar seu todo, além de evitar interferências ou envolvimento, o que prejudicaria o estudo. Pelo distanciamento se torna possível criar conceitos genéricos para se referir a determinados fenômenos do mundo, e assim pensá-los, articulá-los e conversar a respeito deles por meio de uma língua. No entanto, um risco que existe é de nos distanciarmos tanto da origem desses conceitos, criando conceitos em cima de conceitos, abstraindo o mundo a nossa volta, até que a teia da língua que usamos para se referir ao mundo se feche completamente ao nosso redor, nos levando ao que Flusser chamou de “conversa fiada”: aquela conversa repetitiva, inautêntica e tediosa. Isso porque ela deixa de se abrir ao silêncio ingênuo diante do mistério do nada, daquilo que não se traduz em palavras, capaz de nos provocar espanto. “Um exemplo do aspecto coletivo da conversa fiada é a física moderna. Tão afastada ela está das origens do pensamento, tão densa é nela a rede da língua, que está se aproximando rapidamente do círculo vicioso e tedioso das equações reduzíveis à zero”. (Flusser, 2002, p.44). Esse olhar que observa objetos isolados de seu ambiente de origem pode, ainda, se tornar violento, ao transformar o canto de pássaros em vibração acústica e dor em simples função nervosa (Flusser, 2014, p.49).

Isso é o que se pode verificar no método clássico de ensino das escolas, em que crianças e adolescentes aprendem sobre objetos distantes, que são reduzidos tantas vezes a conceitos, fórmulas, números e mapas. Mapas, que deveriam nos orientar no mundo, mas que podem acabar por escondê-lo. Como alerta Dietmar Kamper (2002), as imagens que foram introduzidas como instrumentos para o sujeito dominar o objeto podem acabar por encobrir o que elas mostram. Justamente por um processo de abstração, que Kamper define como “subtrair o olhar a”: “O poder do olhar manifesta-se naquilo que não é visto, que é deixado à margem como vítima da primeira distinção de uma visão focalizadora” (Kamper, 2002, p.3).

Norval Baitello (2012, p.63) comenta sobre esse processo de abstração a partir da “escalada de abstração” formulada pelo próprio Flusser, que percebe como o ambiente tridimensional no qual vivemos foi perdendo suas múltiplas dimensões ao longo do tempo. Primeiro o mundo foi reduzido às superfícies bidimensionais dos desenhos e das pinturas; depois à linha unidimensional da escrita, até chegar à dimensão dos números, dos pontos, dos pixels, a dimensão zero, ou seja, a nulodimensão.

Hoje essa visão que abstrai e se distancia do mundo objetificado está presente não só na pesquisa e nas ciências, mas permeia grande parte das nossas relações cotidianas. Comemos fatias de queijo e filés suculentos, sem precisarmos tocar ou mesmo encarar a face do animal que dará seu leite e sua vida para nos alimentar. Andamos em carros, ônibus, aviões cujas peças foram produzidas com materiais extraídos de buracos profundos da terra em condições e por pessoas que mal conseguimos imaginar. Adquirimos produtos manufaturados prontamente disponíveis nas prateleiras dos supermercados, ou mesmo no extenso acervo digital das lojas online, sem contato com produtor, vendedor, transportador e por meio de transições bancárias que ocorrem virtualmente, sem nem precisarmos da materialidade do dinheiro. Dinheiro que frequentemente esquecemos que representa o tempo vital que doamos em trabalhos e projetos que tantas vezes nem sabemos que resultados geram. Dinheiro abstrato que aplicamos em ações, que nos rendem alguns números, mas cujas práticas no mundo concreto desconhecemos. Mantemos contato com amigos por mensagens escritas, figurinhas e áudios enviados à distância em aplicativos aparentemente gratuitos. Relaxamos navegando por sites e redes da internet, armazenando e acessando conteúdos de forma leve e ágil, sem perceber as pesadas tecnologias que as sustentam. Assim, abstraído a origem e o processo que está por trás dos objetos que nos rodeiam, nos tornamos funcionários que servem a um aparelho que nos tornamos incapazes de dimensionar (para usar os termos de Flusser).

### **Neutralidade**

Outra regra clássica da pesquisa burguesa é a neutralidade. Pela neutralidade, devemos suprimir qualquer emoção, desejo, vontade pessoal para que o objeto possa ser conhecido de forma “pura” sem contaminá-lo com nossos próprios valores. Contudo, Flusser aponta a impossibilidade e até mesmo a falta de honestidade nessa suposta neutralidade. Pois, afinal, todo pesquisador pesquisa algo movido por desejos, preocupações, paixões.

Não se pode pesquisar sem desejar nem sofrer. Desejo e sofrimento já são conhecimento, e conhecimento é sempre também desejo e sofrimento. Tudo isto se passa na plenitude da vida humana, do estar-no-mundo. A pesquisa pura, a atividade eticamente neutra, é gesto mentiroso. É louco. Alienação. (Flusser, 2014, p.48).

Ainda, quando se pesquisa assuntos existenciais que realmente interessam, como injustiça, liberdade, guerras (ou então a crise climática), Flusser (2014, p.48) considera essa alienação

pecaminosa e criminoso: “O pesquisador puro que reifica a sociedade em formigueiro, o tecnocrata sem ‘preconceitos’ que manipula a economia, como um jogo de xadrez, é criminoso”.

Outro grande pensador que também critica essa suposta neutralidade para conhecer o mundo é Paulo Freire (2019). Afinal, como podemos meramente constatar uma realidade de desigualdades, fome e miséria sem se indignar e pretender modificá-la?

Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos a ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele. (Freire, 2019, p.75).

Talvez por aprendermos a olhar o mundo de forma alheia, por meio de imagens e dados abstratos que chegam até nossos apartamentos e escritórios protegidos e climatizados pelo ar condicionado, é que possamos ouvir falar sobre ondas de calor, florestas pegando fogo, micro plásticos encontrados no estômago de animais marinhos, tempestades e inundações, plantações arrasadas, o início de uma sexta extinção em massa, sem nos desesperarmos.

### **Instrumentalização**

Por fim, uma tendência perigosa do olhar objetivo sobre mundo é a instrumentalização desse mundo. Flusser (2002) entende que o homem, em seus primórdios, estaria mergulhado em um mundo de coisas misteriosas, que advêm das sombras, provocando uma aventura assombrosa, fosse uma fera, um trovão, uma árvore ou outro homem. “Diante de toda coisa que advém o homem primordial treme, espantado, porque toda coisa é nova. Sendo nova, toda coisa é milagrosa. O tremor do homem face à coisa é, portanto, um misto de tremor e admiração, é um tremor religioso (*Urschauer*)” (Flusser, 2002, 91-2). No entanto, ao longo dos milênios, o ser humano foi domesticando as coisas milagrosas, transformando-as em instrumentos. Para Flusser (2002, p.94), instrumentos são coisas apreendidas, compreendidas e ultrapassadas pelo humano. Transformadas em instrumentos, as coisas não mais advêm da penumbra misteriosa. “Pelo contrário, estão aqui, diante de nossa mão para servir-nos” (Flusser, 2002, p.92). Para Flusser, os instrumentos, no fundo, não passam de prolongamentos e projeções do nosso próprio eu, como as máquinas que são prolongamentos dos nossos braços e os veículos prolongamentos de nossas pernas.

As feras que ainda aparecem são cachorros projetados por nós para guardar nossas casas. Os trovões que ainda trovejam são movimentos do ar projetados por nós para carregar nossos aviões em seu voo fútil. As árvores que ainda brotam são matéria-prima projetada por nós para ser transformada em instrumento. E o “outro” que compartilha conosco esse mundo instrumental é, ele próprio, instrumento, sendo fornecedor ou consumidor, parceiro ou concorrente. (Flusser, 2002, p.92)

De tal modo, esse mundo de instrumentos nos leva a um estado de tédio e desinteresse, pois acabam com a dimensão sagrada do mundo, já que são tão corriqueiros e não permitem adorar nada além do próprio trabalho humano por trás deles. “A única religiosidade da qual somos capazes, portanto, é a auto-adoração, é o narcisismo” (Flusser, 2002, P.94-5).

Para Hillman (2010, p.90), o que torna nossas existências narcísicas e solitárias é justamente a visão instrumental e burocrática, que mata a alma do mundo. Afinal, como defende, o mundo todo tem alma, aquele aspecto que anima, personifica e enche de vida todas as coisas que nos cercam, ao revelarem sua face sensual. Contudo, desde Descartes, a matéria passou a ser encarada como algo morto, sem alma. E essa visão de mundo, que vem dominando cada vez mais, passou a encarar todas as coisas (da natureza ou feitas pelo homem) predominantemente pelo ponto de vista instrumental e do preço, ignorando sua alma.

Um mundo sem alma não oferece intimidade. As coisas são ignoradas; cada objeto, por definição, é rejeitado mesmo antes de ser manufaturado; lixo e trapos sem vida; tirando completamente seu valor de meu desejo destrutivo de ter e possuir, totalmente dependente do sujeito para lhe insuflar vida com desejo pessoal. (Hillman, 2010, p.90)

De tal modo, acabamos mesmo por permanecer numa desesperada necessidade narcisista, já que um mundo sem alma não pode oferecer intimidade, nem retribuir nosso olhar com interesse ou gratidão e nem aliviar o isolamento absoluto da nossa subjetividade (Hillman, 2010, p.105). Ao nos colocarmos na posição transcendental de um deus, só “eu” posso ocupar lugar sagrado e o mundo transformado em instrumentos perde sua dimensão sacra. Como então, podemos nos religar ao mundo, no sentido religioso? Como então podemos nos importar com a crise que ameaça o globo, se permanecemos distantes e alheios a esse mundo sem alma que não nos oferece intimidade? Para Hillman (2010, p.108) os movimentos ecológicos, futuristas, de protesto de desarmamento não podem salvar o mundo, enquanto não atingirmos uma visão cosmológica que salve o fenômeno “mundo”. E talvez a intersubjetividade proposta por Flusser possa oferecer um caminho para tanto.

### **Intersubjetividade: interagir com um mundo vivo**

Vilém Flusser (2014, p.52) compreende a força da pesquisa clássica (baseada na objetividade), que tem como resultado a técnica. No entanto, nota que ela vem perdendo sua força por dois motivos. Primeiro porque começou-se a descobrir que a vida graças à técnica científica talvez não valha à pena ser vivida. Em segundo porque o deslumbramento diante da técnica começou a diminuir a partir do momento em que notamos que ela funciona apenas quando se observa objetos inanimados e desinteressantes. Mas quando nos debruçamos sobre fenômenos que guardam nosso interesse, que não conseguimos reificar, a técnica já não funciona tão bem. Assim, para Flusser, o gesto da pesquisa clássica se tornou epistemologicamente, eticamente e existencialmente duvidoso. “Mas isto não implica no desaparecimento do gesto. Implica na modificação da sua estrutura” (Flusser, 2014, p.52).

A partir daí Flusser, defende uma nova estrutura do gesto de pesquisar, que já estaria começando a ganhar força. Nessa estrutura a distinção entre sujeito e objeto estaria sendo lentamente abandonada, pois já não seria mais possível dizer que estamos pesquisando o mundo, mas que também somos, em um dos seus aspectos, pesquisa do mundo (Flusser, 2014, p. 53). Por esse olhar, passamos a admitir que somos parte da realidade e que somos inseparavelmente permeados por ela, admitimos a pesquisa como um estar-no-mundo e com outros, que também pesquisam e com quem dialogamos. Assim a pesquisa se revela cada vez mais intersubjetiva e passamos a nos debruçar sobre problemas vitais, que nos afetam e nos abalam. De tal modo, os preceitos da pesquisa clássica já não podem ser absolutos e merecem ser reconsiderados.

### **Estar no mundo**

Se pela pesquisa clássica nos distanciamos de um objeto para olhá-lo numa posição transcendente, pela perspectiva fenomenológica olhamos para fenômenos nos quais estamos imersos. Portanto não olhamos mais para objetos externos, mas para ambientes. Ambiente é onde estamos inseridos, aquilo que está dentro e fora ao mesmo tempo. Somos permeados por ambiente desde que nascemos, através de nossos poros que se abrem para o mundo. Então estudar mundo como ambiente é estudar, em certo aspecto, um pouco de nós mesmos. E os problemas vitais, que mais interessam e que merecem ser estudados, para Flusser, são



justamente aqueles fenômenos nos quais nos encontramos, seja a miséria, a fome, a violência das cidades, ou então o aquecimento global. Como poderíamos olhar pra tudo isso sem considerar o quanto esses fenômenos nos dizem respeito e o quanto participamos deles? Pela perspectiva ambiental, compreendemos que afetamos e somos afetados por tais fenômenos. Os cientistas que estudam as mudanças climáticas podem fazer testes em laboratórios que trazem indícios relevantes. Mas ao mesmo tempo não podem deixar de considerar o quanto eles próprios estão imersos, impactando e sendo impactados por tal fenômeno. É isso mesmo que torna esse problema tão vital e necessário de ser estudado.

Mas para compreender nosso estar no mundo é importante desenvolver um pensamento complexo, capaz de captar as complexas relações que nos conectam ao ambiente que vivemos, a esse globo cada vez mais interconectado. Esse pensamento complexo é amplamente defendido por Edgar Morin (2011), que percebe como o mundo vem se tornando, cada vez mais, um todo: “Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo, e o mundo, como um todo, está, cada vez mais, presente em cada uma de suas partes”. (Morin, 2011, p.58).

Nessa era planetária que nos encontramos se faz necessário ter consciência de como as florestas que queimam no Brasil estão relacionadas com a carne consumida na China, como os poluentes liberados na indústria chinesa estão presentes nos produtos manufaturados importados e consumidos em várias partes do globo, como o combustível queimado pelos carros que circulam nas grandes cidades e pelos aviões que trafegam por vários países do mundo afetam aborígenes que vivem em pequenas ilhas do pacífico, que estão sendo inundadas.

Ainda que seja difícil dimensionar todas as relações que estão por trás das nossas ações diárias, é possível tentar compreender a interdependência entre todas as partes do mundo, que, no presente século, está completamente emaranhado. Com tal compreensão é possível assumir uma consciência mais complexa do nosso estar-no-mundo em relação a todas as outras coisas com as quais interagimos direta ou indiretamente. Ao assumir a interdependência entre todos os seres do planeta, é possível atingir uma consciência planetária, algo que Morin considera essencial no presente século: “A união planetária é a exigência racional mínima de um mundo encolhido e interdependente. Tal união pede uma consciência e um sentimento de pertencimento mútuo que nos una à nossa Terra, considerada como primeira e última pátria” (Morin, 2011, p.66). Essa noção de Terra como pátria, para Morin, é o que torna possível a



relação de filiação afetiva à substância materna e paterna de uma comunidade com um destino comum.

De tal modo, esse sentimento de pertencimento mútuo à nossa Terra exige que abandonemos o olhar de um sujeito que busca transcender o mundo, como um deus, para observá-lo e manipulá-lo como um objeto passivo. Pelo contrário, passaríamos a nos enxergar como pertencentes a esse mundo, que não é mais visto como um objeto inanimado, mas como nosso progenitor, como nossa casa. Essa noção é essencial para que possamos desenvolver um pensamento ecológico. Afinal a palavra ecologia deriva justamente do grego *oikos*, que significa casa.

### **Sentir o mundo (reação estética)**

Muito além de desenvolver uma consciência planetária do nosso estar no mundo, também é importante criar uma relação de carinho por esse mundo, para que possa emergir esse sentimento de filiação afetiva que nos une a nossa Terra. Mas é difícil que esse sentimento surja enquanto continuarmos a enxergar o mundo no qual vivemos como natureza morta; enquanto continuarmos a valorizar as coisas que nos cercam meramente por sua funcionalidade, pelo modo como elas podem nos ser úteis. Não podemos mais viver rodeados de instrumentos e objetos inanimados. Para tanto precisamos resgatar a alma do mundo, aquela dimensão anímica que se faz presente no modo expressivo pelo qual todas as coisas se revelam. E como James Hillman defende o mundo todo possui alma, que precisa urgentemente ser redescoberta por uma revolução da nossa sensibilidade:

O mundo se revela em formatos, cores, atmosferas, texturas – uma exposição de formas que se apresentam. Todas as coisas exibem rostos, o mundo não é apenas uma assinatura codificada para ser decifrada em busca do significado, mas uma fisionomia para ser encarada. Como formas expressivas, as coisas falam: mostram as configurações que assumem. Elas se anunciam, atestam sua presença: “Olha, estamos aqui.”. Elas nos observam independentemente do modo como as observamos de nossas perspectivas, do que pretendemos com elas e de como as utilizamos. Essa exigência imaginativa de atenção indica um mundo alado. Mais – nosso reconhecimento imaginativo, o ato infantil de imaginar o mundo, anima o mundo e o devolve à alma. (Hillman, 2010, 89-90)

Portanto para recuperar a alma do mundo é preciso imaginá-lo, como as crianças o fazem, em vez de continuar ensinando os mais jovens a abandonarem seu olhar anímico para o mundo em favor de uma visão tida como “adulta”, que mata as coisas que nos rodeiam. E mais, para imaginá-lo, é essencial aprender a sentir esse mundo, percebê-lo, trazê-lo para dentro. E a

palavra em grego para percepção ou sensação é *aisthesis*, que, em sua origem, significa justamente “inspirar” ou “conduzir” o mundo para dentro: “a respiração entre cortada, “a-há”, o “uhh” da respiração diante da surpresa, do espanto, uma reação estética à imagem (*eidolon*) apresentada” (Hillman, 2010, p.93-4).

É, portanto, pela *aisthesis* que podemos recuperar aquele espanto religioso diante de todas as coisas que nos cercam, nos tirando do tédio e da nossa solidão narcisista. Isso porque a resposta estética ao mundo, esse faro animal, vincula a alma individual a alma do mundo. A partir desse momento já não nos vemos mais rodeados de instrumentos desinteressantes, que não passam de extensão e projeção do meu próprio eu. Ao contrário, passamos a viver rodeado de várias almas, de várias subjetividades misteriosas, de vários Outros. Outro que não é mais projeção minha, pois é justamente tudo aquilo que não sou. E se o Outro é tudo aquilo que não sou, não só pessoas são meu Outro, como também animais, plantas, montanhas, rios e até mesmo as construções humanas, assim como o lixo e a poluição que nos fazem companhia cotidianamente. Tudo isso são outros repletos de alma; não mais instrumentos ou objetos inanimados prontos para serem manipulados passivamente. Afinal, o Outro me olha de volta quando eu o olho e com ele eu posso dialogar. E é por esse diálogo que eu posso olhar para o mundo a minha volta com intersubjetividade.

Portanto para que possamos desenvolver um vínculo, uma relação de carinho e afeto pela nossa Terra, não podemos mais ensinar nossos jovens a olhar pro mundo apenas por meio de fórmulas, conceitos, números e imagens que abstraem seu entorno. É preciso estimulá-los a imaginar esse mundo, a percebê-lo como imagens vivas repletas de alma. E para isso eles precisam trazer esse mundo para dentro de seus corações, pelo movimento da *aisthesis*, pelo olhar interessado nas coisas que os cercam. Não só em árvores, bosques, montanhas, mas na cidade inteira, incluindo seus moradores miseráveis que remexem no lixo que se acumula nas calçadas, seus rios sujos e fétidos, seu ar poluído, suas nuvens carregadas de cinzas, que impregnam nossas narinas, nossos pulmões e a comida da qual nos alimentamos. Como Hillman (2010, p.86) repara o mundo todo, devido à sua crise, exhibe sintomas agudos e grosseiros, com os quais se defende contra o colapso. E é com esses sintomas que o mundo chama nossa atenção, apelando para que tomemos consciência de seu estado patológico. E precisamos urgentemente nos sensibilizar a esses sintomas e aprender a lê-los, se quisermos responder com responsabilidade.

### **Engajar-se no mundo (reação ética)**

Ao assumir consciência do meu estar no mundo, a ligação complexa que me une a vários outros seres, é possível assumir responsabilidade perante meus outros. E ao desenvolver uma relação de carinho e de amor por esses outros, ao me permitir sentir e ser afetado pelos sintomas que o mundo manifesta, posso ser impulsionado a agir com paixão e engajamento.

Segundo Hillman, o órgão da *aisthesis*, para onde correm as imagens do mundo que captamos, é o coração. É esse órgão que percebe a face do mundo e traz vida às coisas, como formas que falam. Não se trata aqui do coração da medicina moderna (o músculo que bombeia sangue para todo corpo), mas do coração que vem do folclore, da astrologia, da medicina simbólica e da fisiognomia: o *coração de leão*. Esse é o órgão pulsante, que se direciona ao outro, àquilo que está fora, que fareja e traz o mundo externo para dentro de si, tornando-se um só. E é ele também o órgão da paixão selvagem, do amor, do desejo, da vontade, do poder, da vitalidade, que nos impulsiona a agir e a lutar.

No entanto, quando vivemos num mundo instrumental, burocrático, da funcionalidade, da eficiência programada, nosso coração deixa de ser tocado e fica inerte. Fica anestesiado, não tem mais reação àquilo que encara, transformando, portanto, a face sensual variada do mundo em monotonia, mesmice, unicidade, “O deserto da modernidade”, como chama Hillman (2010, p.60). É nesse deserto que se encontra a ciência e a pesquisa moderna que lidam com objetos inanimados, sem alma, de forma neutra e apática. E é nesse deserto que tantas crianças e tantos adolescentes aprendem sobre o mundo.

No entanto, como ressalta Hillman (2010, p.60), é também no deserto que vive o Leão (coração), que, segundo o folclore, nasce natimorto e deve ser despertado para a vida, ainda filhote, com um rugido. O coração precisa ser provocado, chamado, diante da nossa preguiçosa complacência política e do nosso estupor alimentar diante da TV. “Quanto maior nosso deserto, mais devemos rugir, e essa fúria é amor” (Hillman, 2010, p.61). Afinal, são as paixões da alma que tornam o deserto habitável.

Portanto para reagirmos às catástrofes iminentes que ameaçam nosso mundo é preciso parar de anestésias o coração das pessoas, das crianças e dos adolescentes e é preciso chama-los a rugir. Não é possível mais educar nossos jovens nos desertos das salas de aula, que amansam seus

corações, suas paixões, sua raiva, com a pretensão de fazê-los estudar o mundo com neutralidade. Para Paulo Freire (2019, p.109) a neutralidade não passa de uma maneira de acomodar as pessoas, como se não houvesse nada a fazer diante de uma realidade opressora, como se tudo já estivesse determinado, eximindo assim nossa responsabilidade de agir, tomar decisão e tentar mudar, o que acaba por suprimir nossa postura ética diante do mundo. Por isso defende o direito de se ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para a briga, “tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, tê-lo como motivação de minha briga porque, histórico, vivo a história como tempo de possibilidade e não de determinação” (Freire, 2019, p.73).

A educação que Paulo Freire defende é aquela na qual os educandos não aprendem meramente a constatar o que ocorre, mas na qual eles também se percebem como sujeito de ocorrência, capazes de intervir. Não devemos constatar para nos adaptar, mas para mudar. “Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente de nos adaptar a ela” (Freire, 2019, p.75).

Estudar o mundo, consciente do poder de intervir, é uma forma de se desenvolver a postura ética perante o outro. Assim é possível desenvolver um olhar intersubjetivo, pois não se estuda apenas o mundo de forma transcendente, mas compreende-se também sua inserção no mundo em relação aos outros. De tal modo podemos pesquisar e aprender sobre mudanças climáticas, poluição, perda de biodiversidade, desmatamento, fome, cede, miséria com indignação, com raiva de tal situação, com paixão. Paixão que pode nos motivar a compreender melhor sobre os fenômenos nos quais estamos inseridos para tentar mudá-los. Só assim poderemos desenvolver um novo olhar para o mundo, um olhar engajado, preocupado com os grandes problemas vitais que ameaçam o meu eu, o meu ambiente e o meus outros.

### **Considerações finais**

A atual crise de sustentabilidade está relacionada a uma crise existencial, uma crise do nosso modo de estar no mundo. E como Flusser repara o gesto mais revelador dessa crise é o da pesquisa. O modo antigo de se pesquisar, o gesto burguês, que transcende o mundo para observá-lo como natureza morta, objeto inanimado, está atrelado a um modo de existir apartado do mundo que vivemos, para manipulá-lo de modo que ele possa nos servir como mero

instrumento. No entanto, nas últimas décadas vem surgindo aos poucos um novo gesto de fazer pesquisa, que se dá na plenitude da vida, que se assume vital e por isso é simultaneamente gesto estético, ético e de conhecimento. Isso acaba com as distinções que separam ciência de arte e política: “Toda pesquisa é, espontaneamente, política, artística e científica, ou não é pesquisa, mas gesto mentiroso. Porque o gesto de pesquisar passa a ser um dos gestos da vida humana, isto é, busca de valores e de sentido” (Flusser, 2014, p.52). Trata-se de uma pesquisa que envolve *aisthesis* e engajamento, que se permite perceber os sintomas do mundo, que se permite sofrer com tais sintomas e que busca compreender as relações complexas que levam o mundo a tal estado patológico com desejo de mudá-lo.

Pesquisas e saberes movidos por tal olhar já começaram a brotar aos poucos nas últimas décadas. A Teoria de Gaia de James Lovelock e Lynn Margulis é um exemplo claro, ao ousar a olhar para a Terra como uma entidade viva, animada e até mesmo sagrada, ao voltar a chamá-lo pelo seu antigo nome divino: Gaia. Essa teoria estava justamente induzindo um olhar intersubjetivo para Terra, ao devolver-lhe a alma e a sacralidade.

Muitas universidades também já começam a se abrir a conhecimentos de povos tradicionais que reconhecem essa sacralidade da Terra. Ailton Krenak já foi recebido em faculdades tanto da América Latina quanto da Europa para falar com auditórios lotados. Seus saberes, assim como os de Davi Kopenawa, já foram compartilhados em livros que pesquisadores, cientistas e estudantes de várias partes do globo leem comovidos. Assim eles podem nos ajudar a enxergar a doença que espalhamos a nossa volta. Nos fazem notar que as montanhas e rios que contaminamos não são meras mercadorias, mas avô, avó, mãe, irmão de alguma constelação de seres que querem continuar compartilhando a vida nesta casa comum que chamamos de Terra (Krenak, 2019, p.47).

E ainda, já existem muitos educadores que ousam tirar seus educandos das salas de aula para explorarem o “lá fora”, cheio de vida. Assim essas crianças e jovens podem sentir com o corpo todo os rios, a terra, as árvores, a rua, as cidades, as pessoas, o céu, podem trazer o mundo para dentro dos poros, para dentro do coração numa relação de afeto.

No entanto, essas teorias, esses saberes, essas iniciativas precisam ganhar cada vez mais espaço desde o ensino primário até as universidades. Precisam ultrapassar os espaços acadêmicos e se fazerem presentes nos grandes veículos de comunicação. O olhar intersubjetivo precisa permear

os noticiários, os entretenimentos, as narrativas que se fazem presente no nosso cotidiano, moldando nosso olhar para o mundo que vivemos. Precisam estar também na arquitetura das cidades, nos transportes públicos, nos espaços internos que habitamos a maior parte do dia, chamando a nossa atenção para o mundo doente em que vivemos e que precisa ser visto e cuidado com carinho.

Quem sabe assim, pela intersubjetividade, as próximas gerações sejam incentivadas a olhar para o mundo não meramente como matéria prima, recursos naturais, ferramentas, quilos de carne e cabeças de gado ao seu dispor, para passar a enxergá-lo como plantas, animais, rios, montanhas e criaturas vivas, com rosto e alma, com as quais estamos em constante diálogo. E quem sabe assim a humanidade possa desenvolver amor, responsabilidade e engajamento por esse mundo, junto com um novo tipo de religiosidade, ao voltar acessar sua dimensão sagrada? Uma religiosidade que pode, talvez, nos incentivar a cuidar desse mundo em colapso.

## Referências

BAITELLO JÚNIOR, Norval. (2012). *O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens*. Ed.1. São Leopoldo: Editora Unisinos.

Vilém Flusser. *Ame ao teu outro como a ti próprio*. (1982). Revista Shalon. P.68-9. Disponível em: <https://www.cisc.org.br/portal/index.php/en/biblioteca/viewdownload/15-flusser-vilem/102-ame-teu-outro-como-a-ti-proprio.html>.

\_\_\_\_\_. (2002) *Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. Ed.1. São Paulo: Escrituras Editora.

\_\_\_\_\_. (2014). O gesto de pesquisar. In: Vilém Flusser, *Gestos* (p.43-58). Ed.1. São Paulo: Annablume.

FREIRE, Paulo. (2019) *Pedagogia da autonomia*. Ed.59. São Paulo: Paz e Terra.

Kamper, Dietmar. (2002). *Estrutura Temporal das Imagens*. Cisc. Disponível em: <https://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewdownload/3-kamper-dietmar/106-estrutura-temporal-das-imagens.html>. Acesso em: 30 ago. 2021.

KRENAK, Ailton. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Ed.1. São Paulo: Companhia das Letras.

HILLMAN, James. (2010) *O pensamento do coração e a alma do mundo*. Trad. Gustavo Barcellos. Campinas: Verus.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Ed.2. Trad. Catarina Elonora. São Paulo: Cortez, 2011.